

# “Ficar preso dentro de si deve ser um inferno”: a fala encarcerada da melancolia

Ana Cláudia S. Meira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho parte da ideia de que, como define Freud, a psicanálise é a cura pela fala. Com base nessa premissa, este artigo propõe analisar o tipo e a qualidade da fala do sujeito melancólico na análise. Para tanto, apresenta o caso de uma jovem que está em análise há quatro anos, mas com uma fala fechada, que comunica mais o estado de encarceramento da melancolia do que conteúdos com significado simbólico. Tendo em vista a dificuldade de deslocar o sujeito melancólico da posição fixa em que se encontra, junto ao objeto, o estudo examina quais as possibilidades de abertura que a análise propõe, a partir da posição do analista como um outro objeto.

**Palavras-chave:** Cura pela fala. Fala. Melancolia. Psicanálise.

*“Existir exige de mim o grande sacrifício de não ter força.  
Desisto, e eis que, na mão fraca, o mundo cabe.  
Desisto e, para a minha pobreza humana,  
abre-se a única alegria que me é dado ter,  
a alegria humana.  
Sei disso, e estremeço.  
Viver me deixa tão impressionada.  
Viver me tira o sono”  
(Clarice Lispector)*

“Ficar preso dentro de si deve ser um inferno”, diz Clarice, sensibilizada ao ver, na clínica geriátrica em que trabalha, um senhor entubado, sem poder se

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Psicanalista. Coordenadora de Seminário e Supervisora do ESIPP e do CEPdePA/Serra. Doutora em Psicologia.

comunicar, levantar, locomover-se, ler, expressar-se, falar. No entanto, ela vem às sessões de sua análise e, mesmo podendo falar e se comunicar com o outro, comigo, sua fala pouco movimentada(-se). “Pra quê?”, ela repete, insistente de que não adianta, nada adianta. Então, a todo momento, ela desiste.

Da mesma forma, angustia-lhe ver outros idosos em estado já vegetativo. Mas também não foram poucas as vezes em que ela usou essa mesma expressão – vegetativo – para falar de um estado que desejava para si: “só quero chegar em casa, deitar e ficar vegetando na cama, sem fazer nada, olhando pro teto, imóvel, como uma alface”.

A convicção com que Clarice fala sobre sua falta de desejo de fazer alguma coisa, qualquer coisa, contrasta com a sensação ruim que tem quando fala da situação de muitos dos idosos com quem convive na clínica. Sobre si, só anuncia que *não se importa*. Como acha tudo – tudo mesmo – *um saco*, ela agradecerá se não precisasse viver sua vida. Nas sessões – que não falta nem se atrasa –, quer convencer que não tem vontade de examinar nada; “afinal, pra quê...?”. Da forma como ela fala, faz parecer que não adianta: ela nasceu assim e vai morrer assim. “É teu plano? Ficar assim pra sempre e morrer assim?”, indago. “Não, não é, mas as coisas *são* assim!”.

Diferente de Clarice-poeta, a Clarice analisanda parece não querer mexer em nada, analisar nada, transformar nada. Viver tira-lhe mais que o sono; sua vida lhe é um imenso e pesado fardo, e ela não acredita em qualquer possibilidade de mudança, o que mais uma vez contrasta com o fato de seguir em análise há quatro anos.

Como compreender esses contrastes? Como ela consegue sentir-se mal por ver o estado de alguém imobilizado no corpo e na alma, mas não tem qualquer manifestação mais intensa de angústia ao olhar para si mesma, fechada em seu tédio, sem qualquer desconforto com seus silêncios, sem qualquer incômodo em declarar suas retiradas desistentes, sem qualquer desejo que algo de diferente aconteça em sua vida? Se eu lhe pergunto, convidando-a a refletir, a interrogar-se, a abrir possibilidades, ela fecha a questão: “É tudo muito difícil... Por que vou me importar de melhorar? Se ninguém se importa, não vou ser eu que vou me importar! Vou seguir invisível, só pra variar”. Ela desejaria não precisar pensar, nem se mexer, nem falar; só quer ficar quieta.

Procurando entender o que se passa para que Clarice sustente tamanha imobilidade psíquica – expressão de uma pulsão de morte desligada –, pergunto-me, fazendo eco a Peres (2003): “O que dizer da dor que não pode ser dita? Sem causa ou natureza definíveis, sem possibilidade de compreensão? Dor do nada, simplesmente do vazio de existir, indescritível, incomensurável e que, por isso

mesmo, chama em vão a palavra?" (p. 7). Era assim que eu me sentia junto a essa analisanda: tentando em vão chamá-la para o que é a proposta da análise – falar.

Não que ela não fale em absoluto. Ela oscila entre muitos silêncios, falas hermeticamente fechadas, declarações pessimistas, afirmações contundentes e certezas absolutas sobre a impossibilidade de mudança. Nelas, parece ausente qualquer questão em aberto, qualquer pergunta para si, sobre si, ou mesmo endereçada a mim, sua analista.

A fala de Clarice faz pensar. Quando anunciamos que a Psicanálise é a *cura pela fala*, o que fala a fala de Clarice? Sua fala veicula algo? Ela busca comunicar-me algum conteúdo? É um elo entre nós? Sua fala é produto de uma ligação? Carrega pulsão de vida? Ou cai no fosso escuro da pulsão de morte? Com uma fala fechada, com frequência, sinto como se eu não tivesse nada para escutar e dizer. Os pontos finais depois de cada incisiva afirmação parecem me impedir de derivar para algo produtivo entre nós.

A regra fundamental da análise indica que tudo o que disser o analisando tem valor e pode ser produtor de material a seguir; indica que ele, posicionado no divã, fale todos os diversos pensamentos que ocorrerem, sem selecionar, rejeitar, julgar, sem objeções nem críticas. "Diga tudo o que lhe vier à mente. Comporte-se como um viajante que está sentado à janela do trem e descreve para seu vizinho, alojado no interior, como se transforma a vista ante seus olhos" (Freud, 1913/2010, p. 181). Tão valiosas indicações, quando escuto as frases de Clarice, porém, não me fazem sentido. Pela janela de nossa sala de análise, a vista não se transforma. Ela me descreve uma paisagem detida. Não quer transformação, não acredita em movimento, não espera nada de si nem da vida. Pelo contrário, Clarice me fala o tempo todo de sua fixidez. A partir dela, vou buscando compreender o que se passa ali, no monocórdico psiquismo do melancólico.

### **Melancolia: o escuro da noite**

*Sim, minha força está na solidão.  
Não tenho medo nem de chuvas tempestivas  
nem das grandes ventanias soltas,  
pois eu também sou o escuro da noite.  
(Clarice Lispector)*

Em *Luto e melancolia*, Freud (1917/2011) descreve que o complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta, que atrai para si qualquer energia de investimento e que esvazia o Eu até seu empobrecimento total. Como, porém, pensar em uma ferida aberta que, pelo menos aparentemente, não dói?

Ou que dói e o analisando não sente? Ou, pior, que ele sente, mas não grita, não reclama, não se incomoda e não pede para curar?

Em 1895, no *Rascunho G*, Freud (1895/1996) já usara essa imagem da ferida na melancolia. Ali ele descreve que, por uma hemorragia interna, instala-se um empobrecimento no estoque de excitação, abrindo um buraco na esfera psíquica e uma ferida que produz um efeito de sucção sobre a excitação. Seria esse esvaziamento de investimento, de vida, de desejo, que tira do melancólico a energia que ele necessitaria para querer mudar?

A desesperança de Clarice faz parecer que sim. Faz lembrar também a forma como Chemama (2002) descreve a melancolia: “uma depressão profunda e estrutural, marcada pela extinção do desejo e um extremo desinvestimento narcísico. Em uma palavra, é a doença do desejo” (p. 134). Com um Eu esvaziado, só resta a presença do objeto que foi incorporado ao Eu e que, tomando sua posse, assume o posto de arcar com esse Eu. Em um confuso misto de *manter vivo* e *manter (o) morto*, o Eu que deixa de existir entrega-se para que o objeto morto – mas mantido vivo dentro do Eu – faça dele o que bem entender.

Essa forte *com-fusão* entre morte e vida, entre o Eu e o objeto, faz-se ver o estranho apego que o melancólico tem a sua dor. Também chama a atenção a expressão que Kristeva (2002) emprega, quando propõe que “o deprimido renuncia ao desejo (à sedução) e *desposa* o ato da morte” (p. 71, grifo meu); e Chemama (2002) usa semelhante imagem: as *núpcias melancólicas* consigo mesmo. Nessas núpcias, é impossível para o melancólico renunciar ao objeto porque, estando o objeto incorporado ao Eu, não existem mais dois, só um; e porque, se não houve um objeto a amar, não há um objeto a se renunciar. Assim, no lugar de renunciar ao objeto, o melancólico renuncia a si, ao seu Eu: a melancolia coloca o sujeito “em uma posição de abandono, de demissão desejante” (p. 135).

Uma demissão com justa causa, imagino que diria Clarice. Ela não vê mesmo sentido na vida, nem em seu trabalho, nem nas conquistas que teve e segue tendo. Não reconhece valor no que faz, nas pessoas e nos elogios que recebe lá fora. Ela simplesmente não acredita e acha também que não merece. “O que fizeste para não merecer?”, repito a pergunta, e ela repete a resposta: “Não sei.”, e ficamos por aí.

Thanatos é desligante, ele corta. A melancolia oferece a partir disso uma representação notável: laços cortados com outro. “‘Eu’ me isolo do mundo, ‘eu’ me retraio em minha tristeza, ‘eu’ não falo, ‘eu’ choro, ‘eu’ me mato. E esse desligamento que me cortou do mundo acabará por me cortar a mim mesma” (Kristeva, 2000, p. 85). Esse desligar acaba por destruir o pensamento à força e por cortar a continuidade da representação.

Peres (2011) destaca como o melancólico se autocastiga e avalia que, antes disso, houve um acontecimento precoce e irreparável, que impediu o bebê de atravessar, sem danos, as etapas iniciais de sua existência como falante. Por isso, o melancólico tortura-se e se pune: voz reflexiva. Esse retorno a si mesmo, contudo, reflete sérias dificuldades na relação com o objeto, com limites frágeis e vínculos mal definidos. Tratar-se-ia, pois, de intensas autoacusações que ocupam o lugar de queixas que deveriam, na verdade, ser dirigidas ao outro; é um ódio a si que encobre um ódio ao objeto.

Hassoun (2002) entende que o sofrimento do melancólico testemunharia uma culpabilidade que está ligada a um assassinato sempre a consumir. “Não é isso que o mergulha em uma passividade notável, numa luta infinita que reduz toda palavra a uma queixa interminável, juncada de autoacusações opressivas?” (p. 19).

É assim que se posta Clarice: fixa, presa, aprisionada, arrastando pesados grilhões que marcam a pena perpétua a que foi condenada. E que assassinato seria esse? Na separação do primeiro objeto, sempre dual, frente à impossibilidade de fazer um assassinato simbólico – possível somente se o objeto garantir sua sobrevivência – que promoveria esse desligamento e diferenciação, ao Eu nascente resta assassinar-se a si mesmo, repetidamente. Mata em si sua existência, o desejo, o prazer. Como, porém, o Eu está aderido ao objeto, ao matar a si, mata o objeto (e vice-versa). É disso que ele se acusa, pois, nessa imprecisão entre quem é vítima e quem é culpado, já não temos certeza de contra quem é o ataque a ser perpetrado.

Freud (1917/2011) descreve a batalha inconsciente que se dá entre o Eu e o objeto, nas quais amor e ódio combatem entre si, para, de um lado, desligar a libido do objeto e, de outro, defender essa posição fixa da libido. Se, na melancolia, esse caminho está bloqueado, não pode haver um desenlace, já que se forma um ciclo de degradação do Eu e uma fúria contra si mesmo e, ao lado, acusações – ainda que disfarçadas nos *autoreproches* – contra os objetos.

Kristeva (2002) entende que, no além-túmulo, com seu pesar congelado, a completude alucinada do melancólico é vivida como real. Como uma “Alice no país das dores”, o sujeito vagueia como cadáver vivo, ausente, e ninguém poderá despojá-lo desse magnífico país da Morte, segundo as palavras de Kristeva (1989). Ali, ele busca assimilar-se oralmente à mãe, para mantê-la dentro de si e jamais se separar dela.

Peres (2011) fala de uma dor da existência, uma dor matricial, originária, que constitui cada sujeito. A autora lembra que ingressamos nesse mundo através do grito e do choro. “Um corte, as perdas placentárias, o desamparo decorrente de

uma prematuridade que antecipa a nossa dependência a um acolhimento, a um reconhecimento, colocando-nos à mercê de um olhar, uma voz, um corpo que aleita e alimenta” (p. 122).

É em busca disto que o melancólico está e segue aderido: do objeto. Esse objeto, porém, ele nunca teve e, por isso, não pode desistir de ter e reter. É uma esperança pretérita e insólita, dentro de uma dinâmica em que o que mais parece faltar é esperança. Parece que, em um enredo bizarro, a fantasia é a de que a única forma possível de seguir vivendo é se puder recuperar o estado de união perdido com a mãe, objeto primeiro, sem o qual a sensação é de morrer. Contudo, nessa difícil transação, é justamente por seguir buscando tal estado – já que não houve nem haverá um objeto – que ele vai morrer, se não puder viver uma vida de desejo e prazer.

O repuxo que parece levar Clarice à tamanha imobilidade é precisamente descrito por Freud (1923/1969), em *Mais além do princípio do prazer*. É a pulsão de morte mais presente do que a pulsão sexual que planta, em um aparato recém-nascido, o gérmen de um estado melancólico tão solidamente instalado. Mas como o nascente fica à mercê de tal excesso de pulsão de morte, comparada à parca presença da pulsão sexual?

Peres (2011) destaca a complexidade do tempo de origem, que deixará suas marcas ou a ausência de marcas que selam nosso destino. Esse tempo fundamental é marcado por encontros e desencontros. Central na composição desse cenário, o olhar vazio da mãe que atravessa o bebê ou sua ternura em relação a ele, a voz desarmônica ou transmissora de uma harmonia reconfortante da figura materna, seus gestos rígidos ou seu carinho, suas demandas ausentes ou por demais presentes, a força ou o seu apagamento desejante poderão ou não apaziguar a dor de um vazio em que o recém-nascido é lançado. Figura acolhedora, cuja tarefa será traduzir o mundo para aquele recém-chegado, a mãe é portadora de um universo simbólico no qual ela já está submersa. Contudo, nem sempre essa melhor função se cumpre. “Muitas mães testemunham o choque sofrido pela passagem do filho do útero para os braços, pela estranheza ao contemplar aquele bebê que, antes, era apenas um movimento intracorporal, e muitas adoecem da chamada depressão puerperal” (p. 122).

Na trama melancólica, toma capital importância o movimento desse primeiro objeto. Para Hassoun (2002), o que causa a derrota pulsional na melancolia é a falha de deiscência do objeto, pois é ela que condena o sujeito a não poder nada investir, nada desejar, para além desse objeto inaugural que o mantém preso. “Esse impossível o mergulha no espanto de um luto redobrado e mortífero” (p. 50) que nunca cessa, mas que também nunca se faz.

Hassoun (2002) localiza o melancólico em um *enclave*, onde ele permanece apaixonadamente ligado, como um prisioneiro em sua cela, "o lugar de uma reclusão que o exclui da vida" (p. 25). A imagem do enclave é rica para pensarmos essa relação entre o Eu e o objeto. Quando pronuncia que "a sombra do objeto caiu sobre o Eu", Freud (1917/2011, p. 61) permite pensar no mesmo formato: um território que passa a ter existência somente dentro de outro, submetido às fronteiras e às leis desse outro. O Eu dá a vida pelo objeto, não importa o que lhe custe, não importa se lhe custar a própria vida.

A descrição do estado de uma analisanda de Kristeva (1989) nos dá ideia do custo desse tipo de ligação com o objeto. A autora transcreve suas palavras: "fico colada ao chão, como que paralisada, perco a palavra, minha boca parece engessada e minha cabeça, completamente vazia" (p. 73). O abatimento completo que invade a analisanda faz com que a mesma se retire para seu quarto, derreta-se em lágrimas e fique longos períodos sem palavras e sem pensamentos: "Como morta, mas nem mesmo tenho a ideia ou o desejo de me matar; é como se já tivesse ocorrido" (p. 73).

É assim que Clarice acha que devia estar: "morta, já que a vida não tem sentido". Ela – da mesma forma que a analisanda de Kristeva – nunca tentou se matar. Não é disso que se trata; trata-se antes de matar uma busca, de matar sua fala enquanto possibilidade de investimento no outro, um terceiro, separado dela. Sua fala pouco veicula, pouco a leva para fora de si, para mim, a analista. Sua fala encerra a ela, mas também a mim, ambas presas na mesma cela. A sala de análise, que poderia ser espaço aberto, por onde livremente circularmos, corre sempre o risco eminente de se converter em prisão, de onde pode ser difícil sair. Por vezes, somos tragados para dentro desse lugar.

Pensando sobre uma analisanda, Kristeva (1989) vê-se nessa condição:

Teria ela tentado fechar-me nela, no lugar dessa mãe que desalojamos? Aprisionar-me no seu corpo de forma que, misturadas uma à outra, não pudéssemos mais nos reencontrar, pois, por algum tempo, ela me havia englobado, ingurgitado, sepultado no seu corpo-túmulo imaginário, como fizera com sua mãe? (p. 76).

Fédida (2002) atesta:

O tédio que adere à pele, a dor constantemente lancinante sentida desde o momento de despertar... privam tais pacientes de todo prazer de desejar e sonhar. *Nenhum outro* parece poder se constituir como uma fonte ou um recurso suficientemente confiáveis. (p. 112)

O que fazemos, então? Uma saída seria, certamente, a análise.

Frente a situações de perigo, os mecanismos de luta ou de fuga poderiam estar disponíveis, caso a criança tivesse sólidas representações psíquicas, produto de uma relação com o objeto plenamente vivida. Na melancolia, ao contrário, ela se verá sempre em um beco sem saída e, impedida de lutar ou fugir, será o fim, a morte. Então, Kristeva (1989) constata o mesmo que Fédida: a criança, fechada na inação ou se fazendo de morta, ferida por frustrações ou danos irreparáveis, sucumbe. Nessa esquisita trama, custa compreender por que não há uma busca, pois o que o melancólico parece buscar é não buscar nada. A autora fala de uma dor e uma tristeza *inconsoláveis* que, então, ninguém pode dar conta. Essa dor, ela afirma, esconde uma predisposição para o desespero, o que é difícil de visualizar, já que Clarice não tem qualquer desespero. Eu sim.

### **Desistência e insistência: movimentos da melancolia**

*“Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes.  
A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única,  
não se chega senão através dela e com ela.  
A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio.  
A este só se chega quando se experimentou o poder de construir,  
e, apesar do gosto de poder, prefere-se a desistência”.*  
(Clarice Lispector)

De tanto tentar dizer coisas que tenham significado para Clarice, algo que preencha, que estanque a hemorragia de qualquer emoção, que dê mais vida a sua fala, que faça uma ligação, que dê um sentido, que ela sinta que foi compreendida, sou eu que, por vezes, sinto-me desanimada. O repuxo da pulsão de morte, nas sessões de uma jovem que não vê nada de valor em sua existência, nada que valha a pena, é grande.

Então, de que desistência se trata? Sabemos, desde os primeiros textos freudianos, que a pulsão tende à descarga com vias à tensão zero. Zero tensão, zero angústia, zero atividade, zero reação (Freud, 1950/2003). Clarice parece querer somente esvaziar-se de qualquer coisa. Convence a si e tenta convencer-me que só quer parar, parar com tudo, não pensar, não se mover, não agir, não reagir. Será assim também sua fala. Tal como descreve Kristeva (1989), é uma fala com melodia monótona, um ritmo repetitivo, difícil de encadear, com interrupções, uma fala que se esgota, que para.

Clarice desiste de si, de uma existência fora da cama-cela-sofrimento, onde pena e cumpre pena. No lugar disso, ela poderia desistir do objeto, de ter esse objeto que, de fato, nunca teve; mas não. Se o objeto incorporado pelo melancólico lhe dá a ilusão de estar presente, é isso que vale. Clarice não quer

saber de uma saída melhor, de uma outra oferta, de possibilidades abertas. Não quer arriscar-se a falar com alguém que está fora e que é um terceiro, sua analista. Diante dela, tenho a sensação de não existir. É como sequer soubesse meu nome, pois nunca o pronunciou, em momento algum.

Nessa estranha composição de estar na solitária, mas acompanhada – ilusoriamente acompanhada – com esse objeto que lhe faz sombra, não há porque falar; ali, seria um falar consigo, ou um falar com alguém que não está ali para escutar. Na *via-crucis*, que é também sua cela melancólica, ela e o objeto são um só, seja por ela ter desaparecido, seja por estar completamente identificada com o objeto que lhe tira a vida (no sentido inverso do objeto que dá a vida ao bebê que nasce).

Para Green (1994), “sem a dimensão do afeto, a análise é tarefa vã e estéril. Sem a *partilha* com as emoções do paciente, o analista não passa de um robô-intérprete” (p. 39). Logo, o analista terá que escutar com o ouvido, mas também com todo o corpo. Ele precisará ser sensível às palavras, à entonação da voz, às reticências da narração, aos silêncios e a toda a expressão emocional do analisando.

### Da fala fechada da melancolia às aberturas possíveis na análise

*“A desistência tem que ser uma escolha.  
Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida.  
Desistir é o verdadeiro instante humano.  
E só esta é a glória própria de minha condição.  
A desistência é uma revelação.  
Desisto, e terei sido a pessoa humana –  
é só no pior de minha condição  
que esta é assumida como o meu destino”.*  
(Clarice Lispector)

Um dia, Clarice conseguiu me dizer: “É como se estivesse mexendo em algo que vou perder. Eu sou mórbida, mas pelo menos sou alguma coisa.”. Revelava assim, dramaticamente, um dos motivos de seu fechamento em si. Falar e ser capaz de uma fala aberta abriria meu acesso a ela. Com isso, ela não ganharia algo; ela perderia. Eu tiraria algo que ela sente ter, e não teria o que oferecer a ela, para que fosse posto no lugar desse objeto morto-vivo que, apesar de putrefazer seu interior, estava lá.

No interessante título do capítulo de Fédida (2002) – “É preciso ser dois para curar” – impõe-se a questão: como ser o *dois*, disposto a uma *cura*, se a anistia que ofertamos na análise for recusada, vez após vez, se o analisando depositar em nós a esperança apenas para descartá-la logo à frente, em uma insistência que não cessa? Se não somos o objeto que originalmente foi incapaz de prestar socorro

e que abandonou, que convite deve ser feito para que, ao analisando, pareça melhor sair do que ficar?

A análise teria a função de *reanimação da vida psíquica*, para fazer frente à fascinação que o melancólico tem por seu estado morto. É o analista que tem a possibilidade de colocar imagem no desumano, no inanimado vivo – no *vegetativo* de Clarice –, como imagens autóctones, que se constituem como o lugar de um possível encontro. Contudo, para Fédida (2002), o estado melancólico faz fracassar as metáforas psicológicas da linguagem que serviriam para expressar a angústia.

Como, então, fazer isso, ressuscitar o Eu que está sepultado, enterrado vivo, junto ao objeto moribundo, que não descansa em paz e não o deixa em paz? Como fechamos a ferida aberta que não para de sangrar até o sujeito esvaír-se de si ali conosco? Como oferecemos imagem, símbolo, palavra a alguém que repudia com tanta força qualquer oferta que lhe tire das *núpcias* de que nos fala Chemama?

Para Fédida (2002), as queixas de pessoas – que, como Clarice, jazem vivas a nossa frente – empobrecem a linguagem até uma “rarefação quase autística da denominação” (p. 43); elas suprimem as palavras que permitiriam distinguir o que estão sentindo e passando, e sua fala fica indisponível para a nomeação dos afetos. É como se o sujeito se perguntasse: “De que serviria falar quando se está deprimido?”. As pessoas com quem ele convive apelam, impotentes, para a vontade (consciente) do sujeito deprimido a fim de que ele se cure. Elas incentivam toda iniciativa pessoal que deveria arrancá-lo de seu estado. Bem, é isso que não devemos fazer; ou, antes, é isso que não adianta fazer. O melancólico, inânime, recusa uma mão estendida.

Nosso objetivo seria, segundo Fédida (2002), provocar a produção de um novo estado mental para arrancar o analisando do tormento lancinante da vida psíquica. Ele sugere que, na análise, o sujeito vá, progressivamente, adquirindo a capacidade de denominar os afetos ensurdecidos pelo estado do qual ele se queixa. De algum modo, ele poderá descobrir que a fala junto ao analista não visa somente a *expressar* um sofrimento psíquico, mas também lhe permite *apropriar-se* daquilo que ele sente, por meio das palavras pelas quais designa a vivência de seu estado. Para o autor, a fala é esse ato de interiorização do afeto mantido prisioneiro da queixa repetitiva. Quando a fala lhe restitui o poder de nomear os afetos, o analisando descobre que as palavras trazem consigo tonalidades e ressonâncias. Mas seria possível arrancá-lo à força dessa esfera? Ele não prenderia os braços mais fortemente se tentássemos dali tirá-lo?

Para dar esse colorido que sugere o autor, quando o desejo do analisando parece ausente ou está aprisionado junto ao objeto mantido vivo-morto, talvez precisemos renovar incontáveis vezes nossa capacidade de investir, de resistir,

de sobreviver, de reanimar (a nós e a ele). Nossa insistência será a de estarmos presentes na cena analítica, de seguirmos vivos abastecidos de um bom amálgama entre pulsão de vida e pulsão de morte, que forme um tecido psíquico capaz de conter angústia, afeto, palavra, símbolo, fala e voz.

Conforme Green (1994), é importante que, antes de tentar reconstruir a qualquer preço um quebra-cabeça, as interpretações do analista ajudem o analisando a se libertar de tudo o que pesa sobre ele, liberando-o do fardo alienante que o paralisa, para que possa fazer um melhor uso de suas forças.

Cabe a nós oferecermos um leito-divã para a depressão e, ao mesmo tempo, ficarmos atentos para os sinais do tempo dos analisandos de despertar. Para Delouya (2001):

A tendência em querer *animá-los*, ou seja, chamá-los apressadamente para o sol e para a vida, não é prudente. A maciça e acelerada produção... acerca da depressão constitui uma imagem inversa da lentidão de que o deprimido necessita. (p. 86)

Na medida em que a rejeição é a forma negativa da fantasia de fusão com o objeto primário, na medida em que ela serve de escudo contra o desejo de reincorporação psíquica da parte que foi arrancada do corpo, na medida em que o ódio vem acompanhado de uma melhor intrincação pulsional, Aulagnier (1989) compreende que a análise resultará em uma possibilidade de mudança. Essa modificação na economia psíquica permitirá que o Eu reencontre as fontes fantasistas nas quais, até então, estavam enraizados somente sentimentos de ódio.

Será tarefa do analista substituir a dor nua enigmática pelo trabalho de luto (Hassoun, 2002), um luto, então, possível de ser feito. Na clínica da melancolia, somos chamados a deslocar o lugar de destinação do discurso do analisando, condição mínima e necessária para introduzir uma área possível de jogo e de dialetização, ou seja, de perda, nessa falha, nessa falta que aflige o melancólico, pois, para Hassoun (2002), o melancólico não é atormentado por uma perda, mas pela falha de nomeação e de designação possível dessa perda (p. 49).

Nesse processo, seria bem-vinda a angústia que, segundo Delouya (2001), é mola central do processo analítico, como motor de acesso à fala e ao desejo. "A depressão assinala que 'não é para falar'" (p. 84). A análise, ao contrário, propõe uma abertura, um remanejo, um reordenamento, uma recomposição. "Seria como um *fechado para balanço* ou *para reforma*, uma *fuga para as cavernas*, uma reclusão com característica de abrigo. O analista e o enquadre possibilitam este período de elaboração" (p. 85). Tornando-se refúgio e abrigo, propiciando que, pouco a

pouco, o analisando transforme “a caverna em um verdadeiro lar” (p. 85), a análise promove a emergência da vida psíquica, representativa dos afetos e do pensar.

Confessando não compreender exatamente como mudar esse difícil quadro, Freud (1917/2011) avalia que o processo chega ao fim dentro do inconsciente depois que a fúria contra si e contra o objeto possa ser aplacada, ou depois que o objeto vai perdendo, para o sujeito, o valor absoluto que tinha até então. Isso permitiria *desistir-se* dele, renunciar a ele e se reconhecer como *um*. Green (1994) alerta para essa direção como um avanço, ou seja, o processo psicanalítico anda sempre para a frente, mesmo quando o automatismo de repetição parece marcar certa estagnação. E é com muitas perguntas que, repetidas vezes, questionei-me na análise de Clarice: estamos estagnadas? Estamos trabalhando? Avançando? Algo está acontecendo? É assim mesmo?

Talvez seja de perguntas que se construa um caminho que possibilite, um dia, oferecer um leito que Clarice aceite, um lar que ela conceba como possível, uma angústia que sirva de mola propulsora; um caminho que oferte palavras com um mais rico significado simbólico, saídas abertas, algo que aos poucos lhe desperte, mais pulsão de vida onde sobra pulsão de morte. Até lá, siga abrindo questões.

### **“Being present inside it should be a hell”: the incarcerated speech of melancholy**

**Abstract:** The present paper is based on the idea that, as Freud defines it, psychoanalysis is the talking cure. Based on this premise, this work intends to analyze the type and quality of speech of a melancholic subject in the analysis. In order to do this, it presents the case of a young woman who has been under analysis for four years, but with a close-mouthed speech, which communicates more a state of incarceration of melancholy than contents with symbolic meaning. Given the difficulty of moving the melancholic subject from a fixed position in which he stands, next to the object, examines the possibilities of openness that psychoanalysis proposes, from the point of view of the analyst as another object.

**Keywords:** Melancholy. Psychoanalysis. Talk. Talking cure.

### **Referências**

- Aulagnier, P. (1989). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro*. São Paulo: Escuta.
- Chemama, R. (2002). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Delouya, D. (2002). *Depressão, estação psique: Refúgio, espera, encontro*. São Paulo: Escuta.

- Fédida, P. (2002). *Dos benefícios da depressão: Elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1969). Mais além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1986). Rascunho G: Melancolia. In J. M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (pp. 98-106). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (2003). Projeto para uma psicologia científica – Parte I 1895. In O. Gabbi Jr., *Notas a projeto de uma psicologia: As origens utilitaristas da psicanálise* (pp. 173-218). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950)
- Freud, S. (2010). O início do tratamento. In *Obras completas* (Vol. 10, pp. 163-192). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1913)
- Freud, S. (2011). Luto e melancolia. In *Luto e melancolia*. (M. Carone, Trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Original publicado em 1917)
- Green, A. (1994). *O desligamento: Psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hassoun, J. (2002). *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kristeva, J. (1989). *Sol negro: Depressão e melancolia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Kristeva, J. (2000). *Sentido e contra-senso da revolta* (2a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Kristeva, J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Peres, U. T. (2003). *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Peres, U. T. (2011). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In S. Freud, *Luto e melancolia*. (M. Carone, Trad., pp. 101-137). São Paulo: Cosac Naify.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 10/09/2018

Aceito em: 08/10/2018

Ana Cláudia S. Meira  
Av. Goethe, 71/1001  
90430-100 – Porto Alegre – RS  
Email: anameira@gmail.com